

MORÃO CORREIA

ALDA LARA

Breves Considerações
Sobre a sua Obra

LUANDA

1972

ALDA LARA nasceu em Benguela a 9 de Junho de 1930.

Fez os seus estudos primários e secundários em Angola, tendo, porém, terminado o curso liceal já em Lisboa.

Frequentou as Faculdades de Medicina de Lisboa e Coimbra, concluindo nesta última a sua formatura.

Casou com o Dr. Orlando de Albuquerque, também médico e escritor.

Faleceu muito nova, contando apenas 31 anos de idade, no dia 30 de Janeiro de 1962.

Os seus versos foram reunidos num volume intitulado POEMAS publicado por seu Marido em 1966.

Foi publicado em 1966, quatro anos depois da sua morte, um volume da obra completa de Alda Lara intitulado «Poemas».

Até então, eu conhecia, apenas, desta grande Artista nascida em Angola uma que outra poesia, cuja leitura me permitiu, no entanto, estabelecer o mais lisonjeiro juízo de valor sobre a autenticidade da sua fecunda inspiração poética.

Era, pois, natural que eu aguardasse, com o mais vivo interesse, a publicação da sua obra completa.

E, ao ler, depois, o seu volume de versos, enformados de verdadeira poesia, tão palpitantes de realidade, tão impregnados de sentimento, frementes de sensibilidade e ricos de conteúdo social, vibrando ao influxo do mais sincero e puro amor ao próximo; versos que, por isso mesmo, ressumam dores, lamentos, desejos, anseios, paixão, dádivas, apelos, presságios, sonhos, revoltas; versos que reflectem toda a gama de sentimentos que nos seus flagrantes contrastes constituem, afinal, a essência da Vida... eis que imediatamente me estabeleci na certeza de que Alda Lara é, na verdade, uma das nossas maiores poetisas, alcandorando-se por mérito próprio, indiscutivelmente, a um dos lugares cimeiros da Literatura Portuguesa.

Tudo na sua poesia é autêntico, simples e natural, sem ornamentos postiços, nem redundância de enfeites.

A maior parte dos seus versos lê-se, assim, tão naturalmente, tão sentidamente, como se se estivesse a ouvir a própria Autora em confissão.

Porque Alda Lara, na sua autenticidade, no desejo de comunhão sincera nas dores do seu semelhante, expresso nesses mesmos versos, abre-nos inteiramente o coração, nada ocultando dos seus sentimentos mais íntimos, límpidos e puros, como pura e límpida é a alma da inspirada Artista que os gerou.

*È crer que a Primavera há-de voltar,
mesmo que não volte para o nosso olhar!...*

*È ver estrelas em cada noite morta,
e felicidade em cada vida torta...*

*È caminhar sobre espinhos, a sorrir,
vaiado pela descrença, sem ouvir...*

*È ser soldado sem bandeira
de uma luta traiçoeira...*

*È crer, ao fim do DIA concluído,
que nada foi perdido...*

Como se vê, enquanto para Florbela, na sua genial definição, o Poeta ultrapassa a dimensão humana, porque «é maior do que os homens»; é «Rei do Reino de Aquém e de Além Dor»; é o que tem dentro de si «um astro que flameja» e o que tem «fome e sede de Infinito»... para Alda Lara o Poeta é o que dá, o que oferece sempre, nem que seja a csmola de uma ilusão...; é o que crê, o que tem fé no Porvir, embora o fruto dessa Esperança seja para bem dos outros; é o que se nega a cair na fatalidade, mesmo perante a adversidade da sorte; é o que suporta o sofrimento e a irrisão, caminhando, a sorrir, sobre os espinhos; é o que na luta traiçoeira, que a vida lhe impõe, combate incógnito sem usar pendão; é o que crê, enfim, que valeu a pena o esforço dispendido no preenchimento do DIA da existência que Deus lhe deu.

Se, como disse, o Poeta está em Florbela genialmente definido num luxo de imagens e metáforas empolgantes, a definição de Alda Lara, no encanto da sua simplicidade, é riquíssima de conteúdo moral e social.

Devo, porém, referir uma excepção: no volume dos poemas de Alda encontrei um soneto que, pela impecável beleza formal e rítmica, pela naturalidade e fluência da expressão, pelo próprio tema a latejar de amor, podia, muito bem, ter sido subscrito por Florbela Espanca.

Esse admirável soneto é o primeiro da «Trilogia do Outono»:

I

*Vem, meu Amor, trazer à adormecida
sombra informe de todos os cansaços,
esse calor fremente dos abraços
que fecundam a terra apetedida.*

Antes de conhecer a sua obra poética, pensava eu que talvez fosse possível um confronto de semelhança entre a poesia de Alda Lara e a de outra grande *Mulher Artista* que foi Florbela Espanca.

Mas não. É diferente a temática, é diferente o estilo, o tom, a intenção.

Ao ostensivo egocentrismo de Florbela, opõe-se o discreto altruísmo de Alda Lara; às labaredas da chama ardente em que se consumiu a alma da Poetisa alentejana da «Charneca em Flor», na ansiedade louca de possuir o seu amor impossível, absorvente e dominante, opõe-se a serenidade consciente da Poetisa angolana, na generosa e sublime oferta do seu amor ao próximo; o que em Florbela é paroxismo e vertigem das alturas é em Alda Lara acalmia e humildade.

Até à própria definição de «poeta» — tão diferente em ambas! — cada uma imprime o timbre próprio da sua maneira de ser, que o mesmo é dizer o cunho bem vincado da sua personalidade.

Vejamos como a *megalomania* e o *egocentrismo* de Florbela contrastam flagrantemente com o altruísmo e a modéstia de Alda Lara. Para Florbela Espanca,

*Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!*

*É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!*

*É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo as manhãs de ouro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!*

*E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!*

E, agora eis a definição de «poeta» que, na composição intitulada «Apontamento», nos dá Alda Lara:

*Ser Poeta...
É ter sempre em cada mão
a esmola de uma ilusão...*

*À nossa volta, em sol, rebenta a vida!
Lateja sob o oco dos meus passos,
e vai-se doida, em voos p'los espaços,
levar às flores a seiva prometida...*

*Ao longe, ou perto, o mundo será nosso!
Será conquista e força, esse destroço
de febre, a apodrecer sem mais impulsos...*

*E então, Amor, verás como sou forte!
E como hei-de arrancar à nossa morte
o filho do teu sonho e dos meus pulsos!...*



Encantadoramente simples a poesia de Alda Lara!

Não a conheci pessoalmente. Mas, se, na verdade, o estilo reflecte o carácter do autor da obra, estou em crer que esta grande Poetisa devia possuir uma alma encantadoramente simples, como simples e encantadora é a poesia que ela produziu.

II

Toda a alma vibrante de sensibilidade anseia por desvendar o segredo que está para além do mundo tangível que a circunda, e limita os horizontes físicos da sua actuação terrena.

E, sob esse aspecto, a alma dos poetas é particularmente sensível.

Desejam, ardentemente, a evasão do mundo físico circunjacente, fixando os olhos no espaço infinito, esperando desvendar o mistério do que haverá depois do *Céu* e depois da *Noite*, numa incontida ânsia de *Além...*

Alda Lara simbolizou esse desejo num bergantim ideal em que espera ansiosamente partir da praia para

*«..... ver o que há para além
deste grande, imenso céu
e desta noite de breu...»*

Em vão, porém, a Poetisa esperou o regresso do bergantim que idealizou, porque os sonhos ideais são sempre inatingíveis...

POEMAS QUE EU ESCREVI NA AREIA

I

*Meu bergantim, onde vens,
que te não posso avistar?
Bergantim! Meu bergantim!
Quero partir, rumo ao mar...*

*Tenho pressa! Tenho pressa!
Já vejo abutres voando
além, por cima de mim...
Tenho medo... Tenho medo
de não me chegar ao fim.*

*Meus braços estão torcidos.
Minha boca foi rasgada.
Mas os olhos, estão bem vivos,
e esperam, presos ao Céu...*

*Que haverá p'ra além da noite?
p'ra além da noite de breu?...*

*Ah! bergantim, como tardas...
Não vês meu corpo jazendo
na praia, do mar esquecido?...
Esse mar que eu quis viver,
e sacudir e beijar,
sem ondas mansas, cobrindo-o...*

*Quem dera viesses já...
que vai ficando bem tarde!
E eu não me quero acabar,
sem ver o que há para além
deste grande imenso céu
e desta noite de breu...*

*Não quero morrer serena
em cada hora que passa,
sem conseguir avistar-te...
Com meu olhar encergando
apenas a noite escura,
e as aves negras, voando...*

II

*Meu bergantim foi-se ao mar...
Foi-se ao mar e não voltou,
que numa praia distante,
meu bergantim se afundou...*

*Meu bergantim foi-se ao mar!
levava beijos nas velas,
e nas arcas, ilusões,
que só a mim me ofereci...*

*Levava à popa, esculpido,
o perfil, leve e discreto,
daqueles que um dia perdi.*

*Levava mastros pintados,
bandeiras de todo o mundo,
e soldadinhos de chumbo
na coberta perfilados.*

*Foi-se ao mar meu bergantim,
Foi-se ao mar, ... nunca voltou!*

.....
*E por sete luas cheias
no areal se chorou...*

Na poesia *Miserere*, tão linda e tão expressiva, em forma de oração, a Poetisa roga ao Senhor que lhe perdoe o desconhecimento que ela tinha da verdadeira vida.

No seu palácio de ilusão, envolta em espumas e rendas e ouropel desconhecida, afinal, a dor, o medo, a loucura, o suor, a fome, o ódio frio, a revolta surda e o cheiro putrefacto dos corpos, que a vida real nos oferece.

MISERERE

*Perdoai-me Senhor!
Perdoai-me, que eu não sabia...*

*No meu palácio
batido por todos os mares de coral,
encastada em espumas,
e rendas,*

*e europeus,
coberta de cetins e de aneis,
no meu palácio de ilusão
onde cantam sereias pela noite dentro,
Senhor!
eu não sabia nada...*

*Foi preciso que o céu se cobrisse
de nuvens negras,
e a tempestade sacudisse
a solidão dos meus salões,
para que eu, transida de medo,
descesse aos subterrâneos do meu palácio,
em busca de protecção
e calor...*

*E nos subterrâneos...
só encontrei dor maior que a minha...
medo maior que o meu...
e loucura,
e suor,
e fome,
e ódio frio,
e revolta surda,
e o cheiro putrefacto dos corpos
que trouxe a maresia...*

*Ah! perdoai-me, Senhor!
Perdoai-me...
que eu não sabia.*

Perante o desolador quadro da vida que os seus olhos observam, quadro trágico tecido de raivas mal contidas, de dor e de agonia, a sua alma de artista, sedenta de paz, de amor e de beleza, forjou um mundo ideal que fica longe, lá na outra margem do rio, onde há abundância, e os homens, dando-se as mãos, entoam canções de fraternidade e amor.

A Artista, porém, sabe que, para atingir esse mundo ideal, terá de fazer uma terrível viagem através de um rio caudaloso e imundo...

APELO

*Na outra margem do rio,
(e eu vejo-a!)
há campos verdes de esperança
abandonados ao calor de um sol eterno...*

*Na outra margem do rio,
onde não chega o inverno,
há campos ondulantes de searas maduras,
para os pobres matarem nelas
todas as fomes do mundo...*

*Na outra margem,
tudo se começa de novo
e não há dias passados
que amargurem os desgraçados...
Não há dinheiro,
E os homens dão-se as mãos,
que pelo dia inteiro
ouvi as canções que os seus lábios entoaram...*

*Nem raivas mal contidas,...
nem agonias perdidas,
nem dor...
que na outra margem do rio,
há Amor...*

.....

*E entre mim, e a outra margem,
esta terrível viagem.
Este rio caudaloso, imundo,
sujo de todos os calhaus.
que nele vomitou o mundo...
Entre mim e a outra margem,
o rio...*

*Ah, barqueiro...
Porque tardas?...
Não vês como faz frio?...*

*Espero, mas desfaleço...
Não tardes mais barqueiro
Não tardes!...
que é tão longe ainda
a outra margem do rio...*

Bastaria um dos seus poemas para a credenciar como verdadeira artista.

Já tive oportunidade de dizer que para Alda Lara o Poeta é o que dá, o que oferece sempre, nem que seja a esmola de uma ilusão...»

Nessa poesia, impressionante de realismo emocional, de uma simplicidade tão sincera e de uma cadência rítmica, tão natural e harmo-

niosa, como que pressentindo a morte que se avizinhava, Alda Lara faz solenemente o testamento de tudo que de mais precioso ela possuía.

E a Poetisa a oferecer-se, a contemplar, numa dádiva de amor ao próximo, os que sofrem e necessitam da compreensão que suavise a mágoa do sofrimento que os mortifica.

E os contemplados no seu *Testamento* são, realmente, os que mais precisam da compreensão e do amor que a Poetisa lhes oferece: a prostituta mais nova do bairro mais velho e escuro; a virgem esquecida, sem o consolo da ternura que o Destino ingrato lhe nega; o que não tem o bálsamo suavizador da crença em Deus; os homens humildes que nunca souberam ler; as crianças abandonadas, dispersas pelas ruas...

A poesia é tão emocionante, tão expressiva, tão sincera e impregnada de amor ao próximo, que eu não hesito em considerá-la o melhor de todos os poemas de Alda Lara:

TESTAMENTO

*À prostituta mais nova,
do bairro mais velho e escuro,
deixo os meus brincos, lavrados
em cristal, límpido e puro...*

*E àquela virgem esquecida,
rapariga sem ternura,
sonhando algures uma lenda,
deixo o meu vestido branco,
o meu vestido de noiva,
todo tecido de renda...*

*Este meu rosário antigo,
ofereço-o àquele amigo
que não acredita em Deus...*

*E os livros, rosários meus
das contas de outro sofrer,
são para os homens humildes,
que nunca souberam ler.*

*Quanto aos meus poemas loucos,
esses, que são de dor
sincera e desordenada...
esses, que são de esperança,
desesperada mas firme,
deixo-os a ti, meu Amor...*

*Para que, na paz da hora,
em que a minha alma venha
beijar de longe os teus olhos,*

*vás por essa noite fora...
com passos feitos de lua,
oferecê-los às crianças
que encontrares em cada rua...*

III

A linguagem poética, tecida de imagens e de símbolos, é muitas vezes difícil de interpretar e, quando Deus quer, o verdadeiro sentido oculta-se em expressões metafóricas e ambíguas, recursos que só a poesia admite e só o verdadeiro poeta é capaz de utilizar.

Por isso nunca se sabe, ao certo, o que pretende o poeta afirmar, quando usa essas expressões ambíguas de timbre metafórico, a que é possível atribuir-se mais do que um sentido.

Sem falar já do *Cultismo* e *Conceptismo* que caracterizaram a poesia do Século XVII, em que o poeta, por mero entretenimento do espírito, ou por divertimento de simples jogo mental, se comprazia no uso de um estilo complicado de difícil interpretação, a verdade é que certa poesia moderna de conteúdo social apresenta também uma sobrecarga de imagens e de símbolos que tornam o seu sentido ambíguo, sem possibilidade de se lhe atribuir um significado exclusivo e categórico.

Cautela do autor? Liberdade do estilo poético que cumpre aceitar e respeitar? O certo é que, em muitos casos, não se pode afirmar, em consciência, qual a verdadeira intenção do poeta, porque o sentido autêntico das suas expressões só ele o sabe.

Estão neste caso algumas composições de Alda Lara.

Definindo a obra da grande Artista, o seu Marido, também poeta, que prefaciou o livro, declara que a sua poesia «se caracteriza por uma intensa angolidade implícita» e que a Poetisa «vibrava com as desgraças da sua terra — Angola — e com as infelicidades dos seus filhos, que eram todos quantos sofriam».

Se assim é, temos de concluir que há na poesia de Alda Lara uma limitação de *localismo* telúrico-social em prejuízo do universalismo que caracteriza a poesia modernista.

A *dor* que a chamada poesia modernista exprime é de amplitude *cósmica* e o Homem que essa *dor* atinge é o representante de toda a *Humanidade*. Daí o seu timbre universal.

Como exemplo típico da dificuldade em interpretar o verdadeiro sentido das imagens e dos símbolos de que a Poetisa se serve, não sei se em razão de estilo, se em obediência a qualquer desejo ou intenção, escolhi entre outras as poesias

PRESSÁGIO

(Para um amigo negro)

*Algum dia
O sol virá
apodrecer a minha carne antiga...
a chuva derreterá
o gelo que me impediu de sentir
durante tanto tempo!,
e um vento doloroso e forte,
varrerá
toda a campina...*

Ficarei então deserta...

*E na solidão da planície,
incerta,
poderás ver-me caminhar ao longe...,
vestida de silêncios e de lírios,
com a libertação a coalhar
no fundo dos martírios...*

E não me reconhecerás.

E estoutra poesia intitulada

ANÚNCIO

*Trago os olhos naufragados
em poentes cor de sangue...*

*Trago os braços embrulhados
numa palma bela e dura,
e nos lábios a secura
dos anseios retalhados...*

*Enroladas nos quadris,
cobras mansas que não mordem,
tecem serenos abraços...
E nas mãos, presas com fitas,
Azagaias de brinquedo
vão-se fazendo em pedaços...*

*Só nos olhos naufragados
estes poentes de sangue...*

*Só na carne rija e quente,
este desejo de vida!*

*Donde venho ninguém sabe,
e nem eu sei!*

*Para onde vou, diz a lei
tatuada no meu corpo...*

*E quando os pés abram sendas,
e os braços se risquem cruces,
quando nos olhos parados,
que trazemos naufragados
se entornarem novas luzes,*

*Ah! quem souber,
há-de ver
que eu trago a lei
no meu corpo!...*

Nesta impenetrável «floresta» de metáforas, imagens e símbolos quem poderá, a não ser a própria Autora, garantir a verdadeira interpretação do sentido das palavras?

Naturalmente, ao lermos estas poesias, atribuímo-lhes uma interpretação... Não podemos, porém, garantir nem provar que seja essa a verdadeira...

Já não sucede o mesmo com outros poemas a que Alda Lara imprimiu um cunho bem expresso de angolidade, ou de intenção angolana, de sentido claro que não admite senão uma interpretação — a verdadeira, a autêntica.

Estão neste caso os seguintes poemas:

NOITE

*Noites africanas langorosas,
esbatidas em luares...,
perdidas em mistérios...
Há cantos de tungurúluas pelos ares!...*

.....

Noites africanas endoidadas,
onde o barulhento frenesi das batucadas,
põe tremores nas folhas dos cajueiros...

.....

Noites africanas tenebrosas...,
povoadas de fantasmas e de medos,
povoadas das histórias de feiticeiros
que as amas-secas pretas,
contavam aos meninos brancos...

E os meninos brancos cresceram,
e esqueceram
as histórias...

Por isso as noites são tristes...
endoidadas, tenebrosas, langorosas,
mas tristes... como o rosto gretado,
e sulcado de rugas, das velhas pretas...
como o olhar cansado dos colonos,
como a solidão das terras enormes
mas desabitadas...

È que os meninos brancos,...
esqueceram as histórias,
com que as amas-secas pretas
os adormeciam,
nas longas noites africanas...
Os meninos-brancos... esqueceram!...

REGRESSO

Quando eu voltar,
que se alongue, sobre o mar,
o meu canto ao Criador!
Porque me deu vida e amor,
para voltar...

Voltar...

Ver de novo baloiçar
a frente majestosa das palmeiras
que as derradeiras horas do dia,
circundam de magia...

Regressar...

Poder de novo respirar,
(oh!... minha terra!...)
aquele odor escaldante

que o húmus vivificante
do teu solo encerra!
Embriagar
uma vez mais o olhar,
numa alegria selvagem,
com o tom da tua paisagem,
que o sol,
a dardejar calor,
transforma num inferno de cor...

.....

Não mais o pregão das varinas,
nem o ar monótono, igual,
do casario plano...
Hei-de ver outra vez as casuarinas
a debruar o oceano...
Não mais o agitar fremente
de uma cidade em convulsão...
não mais esta visão,
nem o crepitar mordente
destes ruídos...
Os meus sentidos
anseiam pela paz das noites tropicais
em que o ar parece mudo,
e o silêncio envolve tudo.
Sede... Tenho sede dos crepúsculos africanos,
todos os dias iguais, e sempre belos,
de tons quase irrealis...
Saudade... Tenho saudade
do horizonte sem barreiras...,
das calemas traíçoeras,
Saudade das batucadas
que eu nunca via
mas pressentia
em cada hora,
soando pelos longes, noites fora!...

.....

Sim! Eu hei-de voltar,
tenho de voltar,
não há nada que mo impeça.
Com que prazer
hei-de esquecer
toda esta luta insana...
que em frente está a terra angolana,
a prometer o mundo
a quem regressa...

Ah! quando eu voltar...
Hão-de as acácias rubras,
a sangrar
numa verbena sem fim,
florir só para mim!...
E o sol esplendoroso e quente,
o sol ardente,
há-de gritar na apoteose do poente,
o meu prazer sem lei...
A minha alegria enorme de poder
enfim dizer:
Voltei!...

RUMO

(ao J. B. Dias em 1949
à sua memória em 1951)

È tempo companheiro!
Caminhemos...
Longe, a Terra chama por nós,
e ninguém resiste à voz
da Terra!...

Nela,
o mesmo sol ardente nos queimou
a mesma lua triste nos acariciou,
e se tu és negro,
e eu sou branca,
a mesma Terra nos gerou!

Vamos companheiro!
È tempo...
Que o meu coração
se abra à mágoa das tuas mágoas
e em prazer dos teus prazeres
irmão:
que as minhas mãos brancas
se estendam
para estreitar com amor
as tuas longas mãos negras...
E o meu suor,
quando rasgarmos os trilhos
de um mundo melhor.

Vamos!
que outro aceno nos inflama...
Ouves?
É a Terra que nos chama...

E é tempo companheiro!
Caminhemos...

E agora uma das suas mais inspiradas poesias em que se sente vigor e autenticidade na expressão.

A Artista, identificando-se com o próprio meio ambiente africano, em que nasceu, manifesta claramente a intenção social que enforma o seu poema

PRESENÇA AFRICANA

E apesar de tudo,
ainda sou a mesma!
Livre e esguia,
filha eterna de quanta rebeldia
me sagrou.
Mãe-África!
Mãe forte da floresta e do deserto,
ainda sou
a Irmã-Mulher
de tudo o que em ti vibra
puro e incerto...

A dos coqueiros,
de cabeleiras verdes
e corpos arrojados
sobre o azul...
A do dendém
nascendo dos abraços das palmeiras...

A do sol bom, mordendo
o chão das Ingombotas...
A das acácias rubras,
sulpicando de sangue as avenidas,
longas e floridas...

Sim!, ainda sou a mesma.
A do amor transbordando
pelos carregadores do cais
suados e confusos,
pelos bairros imundos e dormentes
(Rua 11!... Rua 11!...)
pelos meninos
de barriga inchada e olhos fundos...

*Sem dores nem alegrias,
de tronco nu
e corpo musculoso,
a raça escreve a prumo,
a força destes dias...*

*E eu revendo ainda, e sempre, nela,
aquela
longa história inconsequente...*

*Minha terra...
Minha, eternamente...
Terra das acácias, dos dongos,
dos cólios baloiçando, mansamente...
Terra!
Ainda sou a mesma.
Ainda sou a que num canto novo
pura e livre,
me levanto,
ao aceno do teu povo!*

Mas entre todas as composições poéticas de Alda Lara inspiradas no meio ambiente angolano, sobressai este emocionante *quadro*, perfeita *aquarela* impressionante de realismo, sem qualquer outra intenção que não seja a de sugerir a saudade que a Mãe-Negra sente, até às lágrimas, pelos meninos ausentes que ela ajudou a criar:

PRELÚDIO

*Pela estrada desce a noite...
Mãe-Negra, desce com ela...*

*Nem buanvílias vermelhas,
nem vestidinhos de folhas,
nem brincadeiras de guisos,
nas suas mãos apertadas.*

*Só duas lágrimas grossas,
em duas faces cansadas.
Mãe-Negra tem voz de vento,
voz de silêncio batendo
nas folhas do cajueiro...*

*Tem voz de noite, descendo,
de mansinho, pela estrada...*

*Que é feito desses meninos
que gostava de embalar?...*

*Que é feito desses meninos
que ela ajudou a criar?...
Quem ouve agora as histórias
que costumava contar?...*

Mãe-Negra não sabe nada...

*Mas ai de quem sabe tudo,
como eu sei tudo
Mãe-Negra!...*

*Os teus meninos cresceram,
e esqueceram as histórias
que costumavas contar...
Muitos partiram p'ra longe,
quem sabe se hão-de voltar!...*

*Só tu ficaste esperando,
mãos cruzadas no regaço,
bem quieta, bem calada.*

*È tua a voz deste vento,
desta saudade descendo,
de mansinho pela estrada...*

IV

Para concluir este brevíssimo estudo sobre os Poemas de Alda Lara apresentarei algumas composições em que a inspirada Poetisa evidencia os seus excelsos predicados de grande artista do verso.

Além dos tais poemas de cunho nitidamente telúrico-social, a que já me referi, Alda Lara produziu versos admiráveis de timbre universalista, sem a influência limitativa de condicionamentos sociais, ou de segundas intenções.

È a revolta do ser humano amarrado ao drama da sua relatividade, traduzida em contradições que definem o inconformismo que lhe atormenta a alma na ânsia da apreensão do *Absoluto*:

REVOLTA

*Quero, e não quero!...
Creio... e Desespero!...
Renego, mas Aspiro,
E em cada vira-volta,
Mais grito e mais me firo!...
Aonde esperei, não espero!...
Aonde Desejei, já não desejo.
E se algum dia Vi,
Hoje não Vejo...*

.....

*Deus,... ó Deus!...
Para que lado ficam os teus céus?!...*

.....

Eis, a Poetisa a declarar que a pessoa só se realiza, se efectuar, inteiramente, a missão que o Destino lhe impôs, percorrendo todo o caminho a cumprir, sem «ficar no meio» e sem «perder o sonho»:

CÍRCULO

*Todo o caminho é belo se cumprido.
Ficar no meio é que é perder o sonho.
É deixá-lo apodrecer, no resumido
círculo, da angústia e do abandono.*

*É ir de mãos abertas, mas vazias,
de coração completo, mas chagado.
É ter o sol a arder dentro de nós,
cercado,
por grades infinitas...*

*Culpa de quem, se fiz o que podia,
na hora dos descantes
e das lidas?*

*Ah ninguém diga que foi minha!
Ah! ninguém diga...*

*Minha, a culpa,
de ter dentro do peito
tantas vidas!...*

E agora é a oferta, a dádiva de si própria, de seu corpo, dos seus olhos, dos seus lábios vermelhos, dos próprios nervos e dos seus longos cabelos, restando-lhe apenas o coração «que continua a bater transfigurado no espaço!»

Sente-se nestes versos um desejo de comunhão universal — ia a dizer de timbre panteísta — com a expressão da tal «dor cósmica» a que já aludi, pois a oferta é feita tanto à criança como aos peixes, tanto às estrelas como às árvores...:

MUTILAÇÃO

*Meu corpo, lancei-o ao mar
para que o mar o levasse,
e matasse aos peixes belos,
a fome dos seus anelos...*

*Meus olhos, joguei-os longe!
Atirei-os às estrelas solitárias
de uma noite...*

*Doei meus lábios vermelhos
à criança prostituída...
Mais! entreguei os meus nervos
aos violinos da Vida...*

*E daqueles longos cabelos,
fiz agasalhos de tiras,
com que embrulhei ressequidos
os troncos das árvores velhas...*

.....
*Hoje, p'ra além do meu cansaço,
só me resta o coração,
que continua a bater
transfigurado, no espaço!*

O Poeta é um criador. Define a própria realidade com os seus sonhos e com os seus anseios, criando uma vida ideal, como réplica à existência real que o Destino nos impõe.

E os anseios do Poeta não têm limites, não têm fim. Tendem para o Infinito...

Compreende-se, assim, que, sendo mulher, Alda Lara tivesse escrito estes versos:

MATERNIDADE

*Dentro de mim,
é que trago
a voz que se não cala,
e a força
que não mais se apaga...*

*Dentro de mim
é que o caudal-anseio alaga,
e correndo
há-de ir, de mar em mar,
levar
ao fim da terra,
um sinal de infinito...*

*Dentro de mim,
do meu sangue nutrida,
e sustentada,
é que a voz não é solução
mas grito!*

*Dentro de mim,
eco de paz ou de alerta,
dentro de mim,
é que a eternidade é certa!...*

Os «Três Poemas de Amor» são breves composições impregnadas de «Cristianismo».

O primeiro parece exprimir o desejo de fraternidade entre os homens:

I POEMA

*Amigo,
toma a minha mão,
e leva-me contigo,
que eu fecharei os olhos
e não mais verei o caminho,
só porque foste tu
que pegaste na minha mão
e disseste: Vem!*

O segundo recomenda a prática do preceito cristão «faze o bem e não olhes a quem»:

II POEMA

*Bateste à minha porta,
e comeste do meu pão
sentado à minha mesa,
Irmão.*

Que importa o resto?

*Amanhã, talvez encontres caído
na estrada,
meu corpo exangue,
e só saibas cuspir nele
a tua gargalhada
de sangue e desprezo...
Mas que importa, Irmão?
que importa,
se hoje bateste à minha porta,
e comeste do meu pão?...*

O terceiro é uma síntese perfeita e altamente expressiva da incompreensão da Humanidade perante o drama da Cruz:

III POEMA

*Pendurámos nas paredes
a herança do teu amor...
Mas não a compreendemos,
que a cruz é feita de dor.*

*Meu peito está descoberto,
quantos estarão com ele?
É tempo.
Repete o gesto.
Mas crucifica-Te agora,
na nossa carne,
Senhor!*

O verdadeiro Poeta sente uma ânsia de evasão do mundo físico circunjacente para regiões criadas à imagem e semelhança dos seus desejos, do ideal que sonhou.

E, se a realidade, fria e hirta, dura e prosaica da vida que atamos nega ao Poeta o almejado ideal que o empolga, o Poeta, então, refugia-se no *sonho*, como único meio de satisfazer a sua ânsia de evasão.

SONHO

*Oh! Volúpia de sonhar...
Volúpia de partir
para onde só há névoa e fumo,
sem bússolas a nortear!...
Volúpia de dormir indefinidamente,
de levantar castelos inacessíveis
com escadas tecidas de cabelos!...
de moldar com raiva, e com prazer,
entre as mãos frágeis,
aquilo que não poderá ser!...
Oh! Volúpia de fechar os olhos,
e morrer um pouco...
Ainda se a vida passasse,
e não continuasse...*

*Sem se dar conta que eu sonho!...
Mas o meu sonho é morte...
E a vida não para mais...*



O *Mar* exerce na poesia de Alda Lara uma notável influência. Em muitas das suas composições a Poetisa faz referência ao *Mar*, quer no significado metafórico, quer no sentido real.

Logo o primeiro poema do seu livro reflecte a influência do *Mar*, embora o tema da poesia seja tratado com o significado metafórico:

ABANDONO

*Não ices as velas, marinheiro!
Não vires o leme!
Não lutes sequer...
(Para quê, lutar?)
Deixa-te ir, como o mar,
ao sabor
das marés de um dia...
com o corpo a rescender
a maresia...
o olhar embriagado de luz,
e a alma,
embrulhada em algas,
a flutuar...
Deixa-te ir!...*

*E se a tormenta te quebrar
os mastros,
e te esfarrapar
as velas,
e não parar
de rugir,
não grites!
Não tenhas medo!...*

*Nas noites-segredo do mundo,
verás como é belo,
dormir tão vestido
de vento e luar...
Deixa-te ir marinheiro!
Deixa-te ir como o mar...
Serenos e perdido
na paz
sem recurso
do mar...*

Também com significado metafórico, servindo-se do Mar, Alda Lara compôs as poesias intituladas «Poemas que eu escrevi na areia» e *Marasmo*.

Apreciemos esta última:

MARASMO

*Na barca desta dor
ando embarcada...
Senhora do navio,
da jornada,
e de quantos passaportes desejei,
só recebi no cais,
por lei da altura,
a bênção do desprezo e da aventura!*

*Nossa Senhora da Loucura
é quem me guia...*

*E em cada dia passado,
esperei sentada na proa,
um sinal da sua graça...*

*Pelas margens me acenaram
os portos da redenção...*

*Pelos cabelos da noite,
as sereias entoaram
gemendo, a sua canção...*

*Meus ouvidos, surdos foram...
A todos disse que não...
que nesta rota
de um dia,
é só Nossa Senhora da Loucura
que me guia...*

*Mas vai o tempo passando...
Nem sinal da sua mão...*

*Baloíça um vento perdido,
o meu navio esquecido.
Nem sombra do seu aceno!...*

*Ó Senhora da Loucura!
É tão triste o vento ameno...
Ó Senhora da Loucura
rogai pelo meu navio
se cansado se atormenta
nesta rota sem desvio...
Mandai-nos um temporal,
um rochedo,
uma desgraça,
qualquer coisa que desfaça
esta serena agonia...*

*Ó Senhora da Loucura,
rogai por mim,
que me afundo
neste mar de calmaria...
não foi por ele que parti,
sem saber de sul nem norte,
quando apenas recebi
no cais,
e por lei da altura,
a bênção salgada e forte,
do desprezo e da aventura!...*

Não admira. Nascida em Benguela, linda cidade banhada pelo mar, é natural que no espírito de Alda Lara se tivesse gravado uma forte influência marítima que lhe serviu de tema para a composição de alguns dos seus mais expressivos poemas.

Está nestas condições a

AGUARELA MARÍTIMA

*A Irmã-Mulher das gaivotas,
senta-se à beira do mar...
Solitária toda a tarde,
às gaivotas vem falar...*

*E enquanto as horas se quebram,
em estilhaços, no areal,
andam à tona das ondas,
restos de um sonho irreal...*

*A Irmã-Mulher das gaivotas,
é delgada como elas.
Anda vestida de branco,
como as gaivotas mais belas!...
Mas nunca pôde voar...
Nunca viu de perto, o céu,
nunca viveu sobre o mar...*

*Por isso essa grande mágoa,
serena e desesperada.
Por isso as pétalas de água
que caem na balaustrada...*

*E a ver as horas tombando,
sentada à beira do mar,
a Irmã-Mulher das gaivotas,
nos olhos cor de esmeralda,
traz um silêncio a chorar... (1)*

(1) O seu Marido, Dr. Orlando de Albuquerque, teve a amabilidade de me informar de que esta composição foi escrita em Lisboa. Alda Lara ter-se-ia inspirado no Terreiro do Paço, junto ao cais, ao ver as gaivotas a voar sobre as águas do Tejo.

Este facto, porém, não invalida a suposição de que no espírito da Poetisa se tenha gravado uma forte influência marítima, por ter nascido em Benguela.

Pode, até, constituir uma prova de que o *Mar* ocupava lugar preponderante no seu subconsciente.